

Economia Brasil

Atenção às contas

O Brasil obteve, em 1994, um saldo comercial positivo de US\$ 11,49 bilhões, resultante de exportações de US\$ 43,59 bilhões e importações de US\$ 32,10. O resultado foi saudado com entusiasmo pelos defensores da política cambial adotada juntamente com o real. Efetivamente, trata-se de um resultado favorável. Poucas são as nações do mundo que conseguem, sem barreiras não tarifárias e com estas em declínio, manter um comércio exterior dessa magnitude, com uma pauta de exportações diversificada e com um superávit equivalente a mais de 35% das importações.

Os números do comércio exterior se tornaram uma das contas nacionais mais intensamente observadas nos últimos tempos, particularmente desde que eclodiu a crise econômica mexicana, cujo pivô foi a questão cambial. Desde então, o Jornal de Brasília abordou o assunto em mais de uma ocasião, sempre enfatizando que a situação brasileira é inteiramente diversa da mexicana, que não há o risco a curto ou médio prazo de que o País enfrente uma crise semelhante, até porque, junto com um elevado déficit comercial, o México se encontrava em situação difícil, devido à volumosa presença em seu mercado de capitais de fundos especulativos estrangeiros, o que tampouco ocorre entre nós.

Ao mesmo tempo, este jornal tem insistido na necessidade de que o Governo redobre as atenções no monitoramento dos dados não só da balança comercial, mas da balança de pagamentos como um todo. Isso se deve ao fato de que, depois de vários anos, pelo segundo mês consecutivo, as importações superaram as exportações. O fato tem causas conhecidas e um bimestre não é suficiente para configurar uma tendência, até porque, em dezembro, o déficit foi menor que o do mês anterior. Contribuíram para esse resultado a pressão de demanda de fim de ano que desaguou nas importações, já que a indústria nacional não estava em condições de atender à procura numa série de linhas de produtos, uma demanda reprimida que se configurou à medida que a população constata que a estabilização proporcionada pelo Plano Real prosseguia após as

eleições etc.

As demais contas da balança de pagamentos nos últimos meses também tenderam ao déficit por razões igualmente sabidas e que não são, em si, motivo de preocupação. Houve alguma cautela por parte de investidores estrangeiros, em função das eleições e da composição do novo governo. Estes investidores, se não chegaram a se retirar de forma expressiva do mercado, evitaram novas aplicações e, então sim, fizeram um recuo após a eclosão da crise mexicana. Alguns economistas, entre os quais o novo ministro do Planejamento, têm alertado para o risco de que o problema cambial existe em gestação e que não se deve esperar para adotar medidas preventivas. Uma vez estabelecido o problema, sua solução será muito mais difícil, argumentam.

O País — e os chamados formadores de opinião, em particular — parece ter esquecido que há poucos meses discutia-se sobre a conveniência de o Brasil manter reservas tão elevadas, que os saldos comerciais altamente positivos dificultavam o combate à inflação, pois exigiam a contrapartida em moeda nacional, e propunham-se formas de utilizar as reservas de forma mais produtiva que seu gasto em importações supérfluas. É o que está ocorrendo. Graças a elas a dívida externa vem sendo paga sem maiores problemas e o crescimento das importações se dá não apenas no que se refere a bens de consumo e quinquilharias, mas em montantes expressivos, a bens de capital, insumos e algumas matérias-primas que contribuirão para elevar a produção interna em diversas áreas. Além disso, o saldo negativo na balança de pagamentos leva o Governo a retirar reais de circulação, ao contrário do que ocorre quando há superávit. Com isso, reduz-se a pressão inflacionária, que, aliás, cedeu em dezembro, embora não apenas por isso, sem que seja necessário utilizar de forma tão drástica os mecanismos de contenção do crédito, como aconteceu no final do ano passado. O que se depreende da situação é que, mais que medidas intervencionistas, cabe às autoridades acompanhar a situação e saber quando alguma medida for realmente necessária.